

A FORMAÇÃO DAS BIBLIOTECAS CIENTÍFICAS NA HUNGRIA DOS PRIMÓRDIOS DA ERA MODERNA



István Monok

Trad. Claudio Giordano

Tendemos a crer que a biblioteca científica é um tipo de coleção decididamente moderna, pois hoje este ou aquele setor universitário ou acadêmico, grupo de pesquisa ou mais especificamente esta ou aquela empresa privada, tendo construído uma rede exclusiva de inventores, usuários e funcionários, dispõem muitas vezes de uma coleção assaz especializada, com perfil bem restrito. Não faltam, entretanto, antecessores destas bibliotecas, e para estudar a história de sua formação na Hungria, carecemos de retroagir até a época anterior à criação das universidades e das academias. ¶ Chegando à Europa Central, a maior parte dos povos migrantes do Oriente ao Ocidente via-se coagida a adotar novo modo de vida. No campo econômico, a criação extensiva de animais foi substituída pela agricultura intensiva. Era inevitável que tais povos se cristianizassem. O fato de várias tribos migrantes terem sido previamente batizadas em territórios do Império Bizantino, não afetava em nada o domínio que o cristianismo de natureza ocidental exerceu nessa região depois dos séculos IX ao XIII. Os séculos XIV e XV verão os dois maiores reinos da região – as coroas húngaras e polonesas – ocuparem lugar ilustríssimo entre as grandes potências europeias¹. ¶ Quanto à rede de entidades culturais, pode-se afirmar que até os primeiros anos do século XVI, todas as modalidades ocidentais também já se haviam estabelecido na Hun-

1. Pál Engel, Gyula Kristó, András Kubinyi, *Histoire de la Hongrie Médiévale*, II: *Des Angeïns aux Habsbourgs*, Rennes, Press Universitaires de Rennes, 2008.

gria². Os humanistas italianos, que tinham encontrado no rei húngaro Matias Corvino (Hunyadi) o mecenas ideal, pronto a financiar a realização de seus sonhos literários, criaram a Bibliotheca Corviniana, admirável biblioteca especializada em filologia greco-latina³. Importante mencionar que Johannes Vitéz de Zredna, chanceler do rei Matias Corvino, dispunha também de uma biblioteca, e organizou em sua corte episcopal de Nagyvárád, depois da arquiepiscopal em Esztergom, os *symposia* da astronomia. Entre seus amigos conta-se também Johannes Regiomontanus. A Biblioteca de Vitéz, com seus inúmeros *códices* astronômicos⁴, foi incorporada à Bibliotheca Corviniana. Entretanto, a excelência desta coleção de nível europeu não significa de modo algum que o número de escolas e de bibliotecas fosse tão elevado na Hungria quanto na Europa Ocidental: a densidade da rede institucional húngara não se compara à dos países ocidentais⁵.

Na Hungria anterior ao século xvi⁶, existiam todos os tipos de bibliotecas⁷, mesmo as

que se podem considerar como precursoras das coleções científicas especializadas. Às coleções jurídicas formadas pelos conselhos municipais, seguiu-se a criação, no início do século xv, da primeira biblioteca especializada em teologia: trata-se de uma coleção de *fraternitas*, resultante de um esforço coletivo das 24 paróquias do departamento de Szepes (*Fraternitas plebanorum xxiv civitatum regalium Terrae Scepusiensis*, criada no século xiii)⁸. Era uma iniciativa bem moderna para sua época: quase ao mesmo tempo em que a Itália via nascer coleções coletivas, formadas por amigos procurando uma interpretação comum dos textos. Quanto à Coleção da Fraternitas em pauta, ela fora acomodada em Lőcse. No início do século xvi, Johann Henckel (†1539) – correspondia-se com Erasmo – enriqueceu-a consideravelmente antes que ela se tornasse, sob a ação da Reforma, uma biblioteca municipal de uso público.

É na primeira modernidade que nasce o processo de institucionalização do ensino superior, com a fundação de universidades e suas várias faculdades. Paralelamente a esse processo, com o objetivo de cultivar a cultura no idioma húngaro, bem como favorecer o desenvolvimento nas ciências em língua materna, criou-se a Academia Húngara de Ciências (1825), acompanhada de longa série de associações culturais, cujo núcleo central foi um círculo científico. Estas novas instituições substituíram pro-

2. Tibor Klaniczay, *Die Soziale und institutionelle Infrastruktur der ungarischen Renaissance*, = *Die Renaissance im Blick der Nationen Europas*, hrsg. von Georg Kaufmann, Wiesbaden, Harrassowitz, 1991 (Wolfenbütteler Abhandlungen zur Renaissanceforschung, 9), pp. 319-338.

3. Csaba Csapodi, *The Corvinian Library, History and Stock*, Budapest, Akadémiai Kiadó, 1973 (Studia Humanitatis, 1).

4. Klára Csapodiné Gárdonyi, *Die Bibliothek des Johannes Vitéz*, Budapest, Akadémiai Kiadó, 1984 (Studia Humanitatis, 6).

5. Mathias Corvin, *les Bibliothèques Princières et la Genèse de l'État Moderne*, publié par Jean-François Maillard, István Monok, Donatella Nebbiai, Budapest, OSZK, 2009 (Supplementum Corvinianum, 11).

6. Anna Boreczky, *Book Culture in Medieval Hungary*, = *The Art of Medieval Hungary*, ed. by Xavier Barral i Altet, Pál Lővei, Vinni Lucherini, Imre Takács, Roma, Viella, 2018 (Bibliotheca Academiae Hungariae–Roma, Studia, 7), pp. 283-303.

7. Csaba Csapodi, “Ungarische Bibliotheksgeschichte, vom Mittelalter bis zum Frieden von Szatmár (1711)”, *Gutenberg Jahrbuch*, n. 59, 1984, pp. 332-357.

8. Florian Holik, “Die erste gelehrte Gesellschaft in Ungarn”, *Ungarische Jahrbücher*, n. 2, 1923, Berlin/Leipzig, pp. 383-399.; András Vizkelety, *Die Fraternitas xxiv plebanorum civitatum regalium in Oberungarn und der Handschriftenbestand Zipser Pfarreibibliotheken*, = *Pfarreien im Mittelalter, Deutschland, Polen, Tschechien und Ungarn im Vergleich*, Vom 30. November bis 2. Dezember 2006 am Max-Planck-Institut für Geschichte eine Tagung zum Thema Pfarreien in Mitteleuropa im Mittelalter, hrsg. von Nathalie Kruppa, unter Mitw. von Leszek Zygmier, Göttingen, Vandenhoeck und Ruprecht, 2008, pp. 327-338.

gressivamente as iniciativas informais de estudiosos e eruditos habitantes de uma mesma cidade ou região. Entre as novas formações, evoquemos aqui as associações culturais eslovacas, croatas e servas, as Matica, bem como a associação dos romenos da Transilvânia, denominada Astra. O processo de transformação institucional ocorreu entre meados do século XVI e do XIX.

Prosseguindo, precisemos que em geral encontram-se poucos livros na Hungria e na Transilvânia do início da idade moderna. A pobreza da população – devido às contínuas guerras, ao domínio turco e, enfim, às frequentes mudanças de *imperium* em algumas regiões – não favoreceu a produção de papel, sendo os trapos utilizados para outros fins. Em consequência, o papel era a tal ponto caro, que se tornava mais econômico importar os livros do que produzi-los localmente. As editoras se organizam somente a partir de meados do século XVIII⁹. Por isso, quando estudavam no exterior, os intelectuais eram levados a buscar os livros que formariam a base de suas bibliotecas pessoais. De volta à Hungria só podiam adquirir novos livros comprando-os de colegas ou pedindo aos que viajavam para o exterior que, vez ou outra, lhes procurassem um título em especial. Tal situação não ajudou em absoluto na formação de bibliotecas especializadas, científicas. Quanto às bibliotecas institucionais, foram elas sempre muito heterogêneas do ponto de vista de sua composição temática¹⁰. Esses fatores explicam por que o *corpus* acessível na Hungria não podia de modo algum acompanhar o desenvolvimento do conhecimento: entre o início do século XVI e meados do XIX,

pode-se observar um atraso crescente na acolhida das ideias modernas¹¹. Impõe-se, porém, uma observação: “poucos livros” não equivale a “poucos títulos”. As pesquisas sistemáticas feitas nos trinta últimos anos atestam que parte importante – no século XVI, 8 a 10% segundo nossas estatísticas – dos livros produzidos na Europa Ocidental tem pelo menos um exemplar em nossas coleções. Esse percentual diminui progressivamente no século XX.

Mostrarei a seguir mais detalhadamente a história que acabo de esboçar. Começarei pelas bibliotecas especializadas das entidades de ensino superior, passando depois para as coleções de estudiosos, às das associações profissionais e, enfim, à Biblioteca da Academia Húngara de Ciências. Salientemos de início que até o final do século XVIII, formar e manter estabelecimentos científicos (inclusive bibliotecas) fora tarefa exclusivamente eclesiástica. Na Hungria, somente as igrejas católica, ortodoxa, luterana e calvinista dispunham de estabelecimentos de ensino superior. Os antitrinitaristas – em que pesem possuírem liceus e colégios de grande qualidade – jamais puderam abrir universidade (também não a comunidade israelita e a armênia). Ao longo de sua história, a igreja unitarista viu uma única vez um príncipe da Transilvânia aderir à confissão antiunitarista. János Zsigmond (Jean Sigismund) Szapolyai tentara, é verdade, fundar uma universidade, mas, carente de número suficiente de professores preparados para a tarefa, o projeto rapidamente gorou¹².

9. György Kókay, *Geschichte des Buchhandels in Ungarn*, Wiesbaden, Harrassowitz, 1990.

10. George F. Cushing, “Books and Readers in 18th Century Hungary”, *The Slavonic and East European Review*, n. 47, 1969, pp. 57-88.

11. Cf. István Monok, “Die Buch- und Lesekultur in Ungarn der frühen Neuzeit, Teilbilanz der Ergebnisse einer langen Grundlagenforschung (1980–2007)”, *Mitteilungen der Gesellschaft für Buchforschung in Österreich*, n. 10, 2008, n. 1, pp. 7-31.

12. László Szögi, *Hat évszázad magyar egyetemei és főiskolái* [Seis Séculos de História das Universidades e Faculdades na Hungria], Budapest, MKM, 1994.



1. Vista de Kolozsvár (Cluj), 1617, Georg Hoefnagel

Na Hungria medieval, o recrutamento de alfabetizados limitava-se à formação de clérigos. As comunidades monásticas, como o *studium generale* (que funcionava junto aos capítulos eclesiásticos), foram incumbidas dessa tarefa; todavia, não estavam em absoluto qualificadas para conceder a seus alunos o bacharelado ou o doutorado. Paralelamente aos demais países da Europa Central, a primeira universidade da Hungria foi fundada em 1367, em Pécs. Dispunha de uma Faculdade de Direito – carente de autorização papal, a faculdade teológica não pôde ali se instalar. Em contrapartida, uma primeira Universidade de Buda (fundada em 1410), a de Presburgo (1470) e, enfim, a Universidade de Buda reestruturada no final do século xv por Matias Corvino, garantiam apenas uma formação teológica. O funcionamento desses estabelecimentos foi rapidamente interrompido pela morte de seu fundador. Dispomos de informações muito escassas a

respeito de suas bibliotecas, principalmente se comparadas às bem documentadas coleções dos capítulos eclesiásticos¹³.

István Báthory – príncipe da Transilvânia e ao mesmo tempo (pelo casamento) monarca do Reino da Polônia e do Principado da Lituânia – era católico. Deu início em Kolozsvár (Cluj) a uma universidade jesuítica, cuja ordem estava preparada para fornecer os professores que a criação de semelhante estabelecimento exigia¹⁴. Desnecessário dizer que os fundadores não dei-

13. Edit Madas, *Les Bibliothèques des Chapitres de Veszprém, de Presburgo et de Zagreb d'Après Leurs Inventaires, = Formation Intellectuelle et Culture du Clergé dans les Territoires Angevins (Milieu du xiii^e – Fin du xv^e Siècle)*, sob a direção de Marie-Madeleine de Cevins, Jean-Michel Matz, Rome, École Française de Rome, 2005 (Collection de l'École Française de Rome, 249), pp. 221-230.

14. *Erdélyi könyvesházak 1*, Jakó Klára, *Az első kolozsvári egyetemi könyvtár története és állományának rekonstrukciója, 1579-1604* [A Biblioteca da Primeira Universidade de Kolozsvár, História e Catálogo], Sze-

xaram de munir o novo estabelecimento também de uma biblioteca. A nova coleção tinha mais feição de uma “biblioteca científica especializada de perfil genérico” do que de uma coleção especializada em teologia. Entre a chegada dos primeiros professores a Kolozsvár e a dispersão definitiva dos materiais destinados à construção do novo edifício universitário (e a expulsão dos jesuítas), transcorreram 25 anos. Nesse intervalo, o novo estabelecimento limitou-se a dar início ao ensino. Não dispomos do catálogo de sua biblioteca, mas o fato de que 602 volumes pertencentes à coleção dispersa subsistem até hoje atesta sua importância. A biblioteca acolheu também dotações compostas de livros e doações à futura universidade, o que sem dúvida reforçou o caráter “especializado” do acervo.

Nos primeiros anos do século XVII, a situação político-econômica consolidou-se progressivamente, induzindo o príncipe calvinista Gábor Bethlen a querer fundar uma universidade, prevista para a sede do principado, Gyulafehérvár (Alba Iulia). Ele enriqueceu o acervo teológico, visando capacitá-lo a manter as atividades da futura universidade¹⁵. A morte precoce do príncipe impediu a concretização desses ambiciosos projetos.

Ao final do século XVI, a Igreja católica (renovada sob o espírito tridentino) empenhou-se numa campanha ponderada e eficaz objetivando a recatolização da Hungria, país cuja população era majoritariamente protestante nessa época. Elemento importante dos esforços católicos foi, em 1635, a

fundação de uma universidade em Nagyszombat, por Péter Pázmány, arcebispo de Esztergom (note-se que Esztergom, sede arquiiepiscopal, ficara sob domínio turco entre 1543 e 1686: a formação definitiva das instituições arquiiepiscopais somente terminou em 1821, quando do retorno do capítulo à cidade)¹⁶. É a primeira universidade do país e em atividade até nossos dias, predecessora da Universidade Eötvös Lóránd de Budapeste; foi transferida para Buda e para Peste¹⁷ pela imperatriz Maria Teresa, quando da reforma geral do sistema de educação, em 1777. Dessa universidade nasceram o Collegium Medicum (a Universidade de Medicina) e o Collegium Geometricum (a Universidade Politécnica) – esses dois estabelecimentos tornaram-se autônomos em meados do século XIX, e puderam formar suas próprias bibliotecas¹⁸.

A fim de atender às exigências das faculdades de teologia e de artes, Péter Pázmány montou uma biblioteca especializada em teologia, filologia e história. Prosseguiu empenhado na busca do enriquecimento do acervo comprando algumas coleções particulares – por exemplo, a do magnata

16. Zoltán Kovách, *Az esztergomi Főszékesegyházi Könyvtár története a 11. századtól 1820-ig* [História da Biblioteca da Arquidiocese de Esztergom do Século XI a 1820], Esztergom–Budapest, Esztergomi Főszékesegyházi Könyvtár, 2006, 2011.

17. A capital da Hungria medieval foi Buda, sob domínio turco entre 1541 e 1686. Após a saída dos otomanos, as três cidades – Buda, Peste e Óbuda – tinham, em conjunto, uma população de doze mil habitantes. A reconstrução começou somente no início do século XVIII, e os monarcas (Carlos III, depois Maria Teresa) construíram seus primeiros palácios na década de 1730. Embora a imperatriz tenha acelerado os trabalhos e mesmo sediando-se a Tenência (Lieutenancy) em Buda, a Dieta instalou-se em Peste apenas em 1848. A maior parte das Dietas entre 1541 e 1848, ocorreram em Presburgo (Bratislava). Óbuda, Buda e Peste uniram-se em 1873, denominando-se Budapeste.

18. *Az Eötvös Loránd Tudományegyetem története 1635-2002* [História da Universidade Eötvös Loránd], szerk. Szögi László, Budapest, ELTE, 2003.

ged, JATE–Scriptum, 1991 (Adattár XVI–XVIII. századi szellemi mozgalmaink történetéhez, 16/1).

15. István Monok, “Politique Culturelle Princièrre ou Transmission Humaniste du Texte? Critères d’Évaluation de l’Activité des Humanistes Transylvains au Tournant des 16^e–17^e Siècles”, *Acta Musei Nationalis Pragae*, Series C, Historia Litterarum, vol. 57, n. 3, 2012, pp. 55-60.

luterano Kristóf Thurszó – e criando uma tipografia. Em 1666 a Faculdade de Direito abre suas portas, seguida alguns anos depois pela Faculdade de Medicina. Ao longo de sua história, o acervo jamais sofreu perdas significativas: os livros lá permaneceram sempre agrupados, e os catálogos provenientes de várias épocas possibilitam o estudo das fases de enriquecimento da biblioteca¹⁹. As aquisições das faculdades particulares, como o Collegium Geometricum, Medicum etc. – diríamos hoje das “bibliotecas departamentais” – atestam seu caráter de “biblioteca especializada”²⁰.

Na Hungria e na Transilvânia agregada em 1690 ao Império dos Habsburgos, a formação de padres e de pastores protestantes ocorria nos chamados “seminários teológicos” católicos e nas “academias teológicas” protestantes. Depois da expulsão dos turcos, cada bispado viu a fundação de tais seminários, inclusive dos bispados da Igreja ortodoxa e da Igreja greco-católica. Desnecessário lembrar, tais estabelecimentos criaram bibliotecas especializadas em teologia e a maioria dos acervos subsistem até hoje²¹.

Quanto aos juristas, eles se formaram no seio dos estabelecimentos denominados “academias de direito” que, carentes de nível universitário, não podiam conceder a seus diplomados o título de *doctor juris*. A academia jurídica dos católicos funcionava em Kassa (Kosice), depois em Kolozsvár (Cluj), a dos luteranos em Eperjes (Prechov), e enfim

a dos reformados em Debrecen. O acervo especial desses estabelecimentos encontra-se atualmente nas bibliotecas episcopais das cidades que os haviam abrigado.

O século XVIII viu a formação de quatro estabelecimentos novos que dispunham de acervos que se podem qualificar de bibliotecas especializadas. Expulsos os turcos, a modernização da agricultura húngara impunha-se na agenda nacional como iniciativa particularmente urgente. Tornando-se o país a fonte principal dos produtos de alimentação do Império, a estrutura tradicional dos produtos exigia uma reformulação. Daí ter a ordem dos frades piedosos fundado uma escola superior de agricultura em Szenc (1763), seguida da escola criada pelo luterano Sámuel Tessedik em Szarvas (1763), e da aberta pelo magnata católico György Festetics em Keszthely (1798). Todas estas novas fundações foram munidas de bibliotecas. Apresso-me em destacar que a segunda metade do século XVIII assistiu o alvorecer da tradução sistemática para o idioma húngaro do *corpus* moderno das obras ocidentais consagradas à agricultura, fenômeno ainda mais importante pelo fato de nenhuma obra significativa ter sido nessa época publicada em latim (língua oficial do reino da Hungria).

A Universidade de Mineração de Selmecbánya, fundada em 1735, era uma das instituições mais modernas do Império. Conhecemos muito bem sua biblioteca, que compreendia as mais modernas obras geológicas, hidrográficas, de mineração e florestais, sobretudo alemãs²².

19. Gábor Farkas, *A nagyszombati egyetem könyvtára az alapításkor* [A Biblioteca da Universidade de Nagyszombat à Época de sua Fundação], Szeged, Scriptum, 2001 (A Kárpát-medence koraújkori könyvtárai – Bibliotheken im Karpatenbecken der frühen Neuzeit, III. – Fejezetek az Eötvös Lóránd Tudományegyetem történetéből, 23).

20. András Tóth, “Geschichte der Universitätsbibliothek Budapest, 1561–1918”, *Bibliothek und Wissenschaft*, n. 6, 1969, pp. 197–242.

21. Sobre a estrutura dos sistema de ensino superior na época, veja-se László Szögi, *Hat évszázad ...* n. 12.

22. Cf. Jenő Travnik, *Zur Entstehung der Kirchenfürstlichen Bibliotheken Ungarns im 18. Jahrhundert*, = *Festschrift für Gideon Petz*, hrsg. von Jakob Bleyer, Heinrich Schmidt, Theodor Thienemann, Budapest, 1933 (Arbeiten zur deutschen Philologie, LX), pp. 147–188.

23. László Zsámboki, *Die Schemnitzer Gedenkbibliothek von Miskolc, Ungarn*, Miskolc, 1978 (Publikatio-



2. Vista de Pozsony (Bratislava), 1562, Georg Braun

Conforme aponte na introdução, agora os acervos dos estabelecimentos de ensino superior, os acervos de sodalícios eruditos e de iniciativas acadêmicas podem também ser consideradas como bibliotecas especializadas. É verdade que nas fontes referentes à história da Academia Istropolitana da virada dos séculos XV-XVI, não há nenhuma alusão a eventuais usos de biblioteca²⁴, mas sabemos que um dos objetivos da sociedade em pauta foi o estudo de textos em grupo. Faço lembrar que essa instituição – fundada ao molde das *accademie* italianas – visava a colaboração dos eruditos que viviam nas cidades danubianas, como Ratisbona, Viena

der Zentralbibliothek der Technischen Universität für Schwerindustrie, 18).

²⁴ Tibor Klaniczay, *Alle Origini del Movimento Accademico Ungherese*, Alessandria, dell'Orso, 2010 (Ister, Collana di Studi Ungheresi).

na, Presburgo e Buda, com personalidades ilustres, como Conrad Celtis²⁵.

O Presburgo (Pozsony) do século XVI, promovido a capital da Hungria, dispunha de fervilhante vida cultural e científica, graças em parte à agremiação erudita que a cidade acolhia. Esse círculo, a par da Academia Istropolitana, compunha-se de estudiosos não necessariamente moradores da cidade. Em excelente estudo, Klára Boross não só sintetizou o que se sabe sobre o tema dos livros e leituras dessa associação, como forneceu uma espécie de tipologia dos participantes. Segundo seus apontamentos, o filólogo humanista Johannes Sambucus (1531-1584), o magnata húngaro assaz interessado nas ciências naturais, János Liszti (?-?), o prelado historiador

²⁵ Farkas Gábor Kiss, “Konrad Celtis, King Matthias, and the Academic Movement in Hungary”, *Hungarian Studies*, n. 32, 2018, pp. 37-50.



3. Vista de Nagyszombat (Tmava), 1572, Georg Braun

Antal Verancsics (1504-1573), o botânico flamengo Carolus Clusius (1526-1609) e por fim o bibliotecário do imperador Hugo Blotius (1533-1608) encontravam-se regularmente em Viena, no seio de um círculo de amigos. A atividade desse sodalício – inspirado em parte pelo arcebispo historiador Miklós Oláh – prosseguiu em Presburgo e em Németújvar (Güssing). A conexão com Presburgo fazia-se certamente através de Georg Purkircher (†1578), enquanto os contatos com a cidade de Németújvár eram assegurados pelo botânico flamengo Clusius²⁶.

26. Györgyné Pajkossy, “Ellebodius és baráti körének könyvei az Egyetemi Könyvtárban” [“Os Livros

O grêmio de Presburgo era sem dúvida formado por Johannes Sambucus, pelo prelado István Radéczy, pelo humanista flamengo Nicasius Ellebodius (†1577), pelo magnata, historiador e estadista Miklós Is-

de Nicasius Ellebodius e Amigos na Biblioteca da Universidade Eötvös Loránd”], *Magyar Könyvszemle*, n. 99, 1983, pp. 225-242; Klára Boross, *A pozsonyi humanista kör könyvei az Egyetemi Könyvtár antikvárgyűjteményében* [Os Livros da Sodalitas Humanista de Pozsony na Biblioteca da Universidade Eötvös Loránd], = *Az Egyetemi Könyvtár Évkönyvei* XIII, Budapest, ELTE EK, 2007, pp. 157-186; Bobory Dóra, *The Sword and the Crucible: Count Boldizsár Batthyány and Natural Philosophy in Sixteenth-Century Hungary*, Newcastle upon Tyne, Cambridge Scholars Publishing, 2009.

tvánffy (1538-1615)²⁷, bem como por Georg Purkircher já mencionado; Purkircher e Nicasius Ellebodus usaram regularmente a expressão *et amicorum* em seus livros. Essa identificação de posse, bastante difundida na Hungria e Transilvânia, remete sem dúvida ao uso compartilhado dos livros em questão²⁸. Uma vez que o senhor de Némethújvár, Boldizsár (Balthasar) Batthyány (1538-1590) fazia parte do círculo presburguês, pode-se legitimamente supor que foi ele – com Carolus Clusius – que garantiu os contatos diretos do triângulo Viena–Presburgo–Némethújvár.

Após o terço final do século XVI, encontramos número elevado de registros manuscritos de posse do tipo *Ex libris xy et amicorum, et fratrum Christianorum, et sociorum* nos livros que pertenceram à biblioteca da antiga escola protestante. Em Nagyszombat, em Selmechánya e em torno da biblioteca do moraviano Hans Dernschwam²⁹ podemos identificar vários grêmios formados em função do uso em comum dos livros. Evo-co também o exemplo de Sopron onde a Associação Erudita estimulada por Kristóf Lackner dispunha de uma biblioteca cujo acervo era de livros usados coletivamente pelos membros³⁰.

As academias científicas criadas na segunda metade do século XVII ou nas primeiras décadas do XVIII (Londres, Paris, Berlim, São Petersburgo) acolheram em seu seio alguns estudiosos húngaros, o que explica, em parte pelo menos, as tentativas húngaras de criar uma Associação Erudita Nacional. Os esforços dos húngaros não visavam apenas assegurar os quadros institucionais da vida científica, mas também promover o idioma húngaro. Num país cuja língua oficial fora o latim até 1844, nunca é demais salientar a importância de semelhante empenho. Em contrapartida, o uso disseminado do latim velou por longo tempo certo número de atritos inter-raciais, cuja expressão, com a promoção das línguas nacionais eslovaca, sérvia, croata e romena, teve livre curso³¹. Após longas hesitações, a criação da Academia Húngara de Ciências se deu em 1825. Sua biblioteca³² formou-se a partir da doação do aristocrata László Teleki – um acervo, pois, absolutamente não especializado. A história das bibliotecas especializadas dentro das academias surgirá somente quando os departamentos se transformarem em institutos específicos³³ – processo inserido no século XX.

27. István Monok, “Scholars’ Libraries in Hungary in the Sixteenth and Seventeenth Centuries: Reconstructions Based on Owner’s Mark Research, = Virtual Visit to Lost Libraries: Reconstruction of and Access to Dispersed Collections”, Papers presented on 5 November 2010 at the CERL Seminar hosted by the Royal Library of Denmark, Copenhagen, ed. by Ivan Boserup, David J. Shaw, London, CERL, 2011 (CERL Papers, vol. XI), pp. 57-69.

28. István Monok, “L’Uso Pubblico dei Libri nell’Ungheria del Cinque e Seicento”, *La Bibliofilia*, CXIV, n. 2, 2012, pp. 215-229.

29. *Die Bibliothek Dernschwam, Bücherverzeichniss eines Fugger-Agenten in Ungarn*, hrsg. von Jenő Berász, Katalin Keveházi, István Monok, Szeged, JATE, 1984.

30. József László Kovács, *Lackner Kristóf és kora (1571–1631) [Kristóf Lackner e sua Época]*, Sopron, Széchenyi István Városi Könyvtár, 2004.

31. *Typographia Universitatis Hungaricae Budae 1777–1848*, ed. by Péter Király, Budapest, Akadémiai Kiadó, 1983; Péter Király, *National Endeavours in Central and Eastern Europe as Reflected in the Publications of the University Press of Buda 1777-1848*, Budapest, Alfa, 1993.

32. István Monok, *The Foundation of the Library of the Hungarian Academy of Sciences, = Calliotheca, Gems from the Library of the Hungarian Academy of Sciences*, eds. Károly Horányi, Edit Krähling, Budapest, MTA KIK, Kossuth Kiadó, pp. 8-13.

33. Örökségünk, élő múltunk, Gyűjtemények a Magyar Tudományos Akadémia Könyvtárában [Nossa Herança, Nosso Passado Vivo, Coleções na Biblioteca da Academia], szerk. Fekete Gézáné, Budapest, MTA, 2001 (A Magyar Tudományos Akadémia Könyvtárának közleményei – Publicationes Bibliothecae Academiae Scientiarum Hungaricae, 37/112).

